

Resenha de um Tempo na FACED

Teresa Maria Monteiro Pereira

Introdução

Como ex-aluna e professora da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), fui "intimada" a escrever um artigo para o livro que vai homenagear os 50 anos de existência do nosso curso de Pedagogia, resgatando imagens, ou memórias desse meio século de existência. Relembrando e escrevendo minhas recordações, senti como se, ao escrevê-las, estivesse lhes dando um novo significado. Acredito mesmo que, no início, por ser uma jovem estudante, talvez eu não tivesse uma compreensão mais aprofundada das coisas a que assisti e de muitas outras das quais participei. Mediante esses relatos, refaço a existência da minha vida como aluna, professora e testemunha de uma época. Tentei pintar um quadro, mas compreendo que foi mais um esboço diante da singularidade de cada momento. Acredito, como disse José Saramago, "fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória". Assim, o sentimento excede o que escrevemos, assim como a linguagem extrapola a situação contextual. Como li certa vez, o trabalho da leitura de fatos passados deverá ser

compreendido como a recepção de uma herança, para que, esclarecendo o passado, possamos ter melhor compreensão do hoje, analisando os aspectos perdidos no tempo, as melhoras e os agravos para um melhor planejamento do futuro.

Organizando o meu relato, confesso que demorei a selecionar o que descrever, haja vista que essas memórias vão integrar o registro nos anais da Instituição. Ao remexer memórias aquietadas no baú das minhas lembranças, porém, deixei-as fluir, escolhendo aquelas que se destacaram e que podiam ser registradas. Acredito que essas e muitas outras não publicadas marcaram minha trajetória pelos caminhos da UFC.

Os momentos em destaque dessa volta no tempo estão ligados ao meu despertar para o que ocorria na vida política do País, ao contexto da época, aos laços interpessoais, à recordação dos meus mestres-professores e ao início da minha carreira docente. O começo do meu relato situa o que a juventude universitária assistiu, curtiu, compartilhou e, no contexto político, é válido recordar que pertencemos à geração que testemunhou e participou dos "Anos Rebeldes", no contexto histórico em que estudantes e professores foram perseguidos por quem governava o Brasil. Nesse tempo, mergulhados no medo, lutamos e sobrevivemos, cada um ao seu modo, ainda que nem todos tenham conseguido. Essa é mais uma razão, para homenageá-los, mesmo sem citar seus nomes, não deixando o que ocorreu cair no esquecimento. Afinal, como alunos da Faculdade de Educação da UFC, fomos contemporâneos de colegas que sofreram repressão da ditadura militar, enquanto outros simplesmente "desapareceram" nas dependências do Destacamento de Operações e Informações (DOI) e do Centro de Operações de Defesa Interna (CODI). Assim como nós, eles partilhavam dos mesmos ideais, na busca de um Brasil melhor, mas, corajosamente, foram mais longe, em defesa de um país mais soberano e mais justo.

“Caminhando contra o vento”: rebobinando um tempo

Ao ingressar na UFC, vivíamos o “milagre econômico” (1969-1973), com taxas de crescimento que oscilavam entre sete e treze por cento. Os acontecimentos mais marcantes desse ano foram: a descida do homem na lua e as comemorações do milésimo gol de Pelé, pois, acima de “qualquer coisa”, somos o país do futebol.

Naquele momento, o povo embalado pela propaganda ufanista do governo militar, cantava, com Dom e Ravel, “Eu te amo, meu Brasil” e os slogans “Ninguém mais segura este país”, “Brasil, ame-o ou deixe-o” eram as palavras de ordem.

No ano anterior, em 1968, o III Festival Internacional da Canção, consagrou a música *Pra não Dizer que não Falei das Flores*, mais conhecida por *Caminhando*, de Geraldo Vandré. A composição se tornou o novo ‘hino nacional’ da resistência do movimento civil e estudantil contra a ditadura militar. É óbvio que foi censurada. O refrão “Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora, / Não espera acontecer” foi interpretado como uma convocação à luta armada contra o governo militar. No festival, *Caminhando* ficou com a segunda colocação ganhando *Sabiá*, de Chico Buarque e Tom Jobim, que foi muito vaiada pelo público presente, que exigia o primeiro lugar para a música de Vandré.

Ainda em 69, os Beatles nos brindaram com o disco *Abbey Road*, um dos maiores sucessos de toda a carreira do grupo, sendo também o último disco gravado por eles, que, no ano seguinte, se separaram para grande comoção e tristeza dos fãs. Acontece o festival de Woodstock. A expressão “sexo, drogas e rock in’roll” se encheu de significado, nos três dias desse festival, em Bethel, no Estado de Nova York. A filosofia *hippie* chegava ao Brasil na montagem da peça “*Hair*”, musical encenado pela primeira vez em 1969. A frase, ‘Faça amor, não faça guerra’ é o grito do movimento *hippie* que vinha se opor à guerra do Vietnam, à sociedade de consumo e aos regimes militares.

Os jovens de todo o mundo se unem para pedir liberdade, paz e amor num grande movimento contra o *establishment*. Era a contra cultura.

O 'amor livre' continuava após a descoberta da pílula. Ainda não havia informações precisas a respeito de doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids. As gírias *babado, barra, bicho, bicho-grilo, chocante, pornô, transa* faziam parte de vocabulário de qualquer jovem antenado com o seu tempo. É o ano de lançamento do jornal *O Pasquim*, a maior publicação opositora ao governo militar lançada no País, que fez com que as palavras "putz" e "duca" fossem incorporadas às outras gírias já existentes no vocabulário brasileiro; Vera Fisher é eleita Miss Brasil e Leila Diniz se transforma em musa nacional pela postura irreverente e corajosa de dizer o que pensava. A era do disco estourava no mundo inteiro, atingindo o seu auge no ano seguinte. Era a época das discotecas, inspiradas no filme 'Os Embalos de Sábado à Noite'. Os ídolos internacionais eram os cantores Rod Stewart, Janis Joplin e o guitarrista Jimi Hendrix. Enquanto isso, o Brasil que vivia entre a Jovem Guarda e o Tropicalismo, assiste à partida de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que só retornariam em 1972. A ditadura militar os considerou subversivos e "Aquele abraço" foi o samba-saudação que Gilberto Gil deixou ao partir para o exílio em Londres. Tanto eles quanto Chico Buarque de Hollanda, Edu Lobo e Geraldo Vandré deixam voluntariamente o País.

Nas salas de cinema, o filme *Love Story* fazia as plateias chorarem em todas as exibições. O disco anual de Roberto Carlos trazia "As curvas da estrada de Santos". Os músicos Vinicius de Moraes, Roberto Carlos, Tim Maia, Maria Bethânia, Jorge Ben, Elis Regina, Clara Nunes, João Gilberto, Rita Lee, Gal Costa, Tom Jobim, Erasmo Carlos, Jair Rodrigues e Raul Seixas faziam sucesso. Os festivais de música popular brasileira eram destaques na programação televisiva e geravam comoção entre a juventude. Acontecem a primeira exibição do Jornal Nacional e o surgimento da TV Cultura. Na televisão, as no-

velas já dominavam a programação e "Beto Rockfeller" estreava. A TV em cores começa a se difundir no Brasil e os programas nacionais como Chico City, Vila Sésamo, Sítio do Pica-Pau-Amarelo e A Grande Família faziam o maior sucesso e Jorge Amado lançava *Tenda dos milagres*.

No ano seguinte, o educador brasileiro Paulo Freire que se encontrava exilado em Genebra, com muitos outros brasileiros, funda o Instituto de Ação Cultural – IDAC e publica o livro *Pedagogia do Oprimido*. No Brasil, fervilhava uma atividade cultural de fazer as décadas posteriores morrerem de inveja.

Anos rebeldes: o contexto político do ano de 1969

O ano de 1969 foi o marco do início de mudanças entre o movimento estudantil brasileiro e a ditadura militar, bem como para as comunidades universitárias em geral. Entrava em vigor a Reforma Universitária¹, decretada, pela lei 5.540 de novembro de 1968. O AI-5 abria as portas para uma intensificação da repressão e o decreto-lei nº 477 de 26 de fevereiro, de 1969, permitia o enquadramento de professores, funcionários e estudantes universitários em "infrações disciplinares". Professores foram aposentados compulsoriamente. Na Universidade de São Paulo (USP) intelectuais tiveram que abandonar a cátedra. Começava a censura de livros, periódicos e novelas.

Foi nesse contexto que ingressei como estudante na UFC. Vivenciávamos os Anos de Chumbo da ditadura militar (1969-1974), sob o

¹ A reforma universitária de 1968 aboliu o antigo sistema de cátedra, que dificultava o funcionamento das universidades na maioria dos países latinos, e abriu espaço para a criação de programas de pós-graduação, pesquisa científica e para a contratação de professores em regime de tempo integral. A reforma educacional de 1968, juntamente com a inquietude de certos setores governamentais com relação ao desenvolvimento científico e tecnológico, permitiu que a educação brasileira desenvolvesse o maior sistema de pós-graduação e pesquisa científica entre os países em desenvolvimento. Ainda que a concessão política tenha estado sempre presente nas Instituições Superiores, ela normalmente não conduz a polarizações partidárias radicais e insuperáveis.

comando do general Emílio Garrastazu Médici. O Ato Constitucional Nº 5 imperava no País, com os direitos civis suspensos. Esse período passou para a história como a época mais violenta do regime militar, que se impôs por 21 anos, no Brasil. Caracterizou-se principalmente pela violação dos Direitos Humanos. Despiu o cidadão brasileiro de toda e qualquer proteção que a Constituição lhe garantia. É a ausência de um pleno Estado de direito. O governo militar podia tudo "sem as limitações previstas na Constituição", como rezava o art. 3º, do AI-5. O presidente tinha ainda poderes para suspender os direitos políticos por dez anos, de qualquer brasileiro; cassar mandatos de deputados federais, estaduais e vereadores; proibir manifestações populares de caráter político e impor a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas. A censura foi legalizada pelo Decreto-lei nº 1.077 de 26/01/1970. Somente em 13 de outubro de 1978, no governo do general Ernesto Geisel, o AI-5 foi revogado. O general Médici é escolhido para presidente e veio para organizar a anarquia que provinha da caserna, permitindo que os militares direitistas radicais se expressassem em seu governo.

Na década seguinte (1970), as organizações guerrilheiras urbanas foram destruídas ou completamente desarticuladas. Com o fim da ditadura, das perseguições, da volta dos exilados o Brasil recuperou a liberdade de viver e falar. Hoje, muitos daqueles estudantes e líderes estudantis que lutaram contra a ditadura, são colegas-professores da UFC.

O ciclo básico da Pedagogia

Ingressar no ensino universitário era desafiador. Uma prova de sucesso nos estudos, uma vitória, um motivo para se sentir bem e um orgulho para a família.

Recém-saída do Curso Normal do Colégio das freiras Doroteias, que frequentei desde o Jardim da Infância, defrontei-me com um

novo mundo, mais adulto, com poucas regras e com uma liberdade de que não desfrutava no Colégio que frequentava. O ensino misto foi também uma novidade, apesar da população masculina ser minoria nos cursos de Pedagogia.

A escolha do curso foi motivada pelo interesse pessoal e pela admiração por algumas mestras, freiras e leigas, com quem aprendi a amar o ensino. Além do mais, rebobinando minhas memórias, nunca me vi interessada em nenhuma outra profissão.

As aulas do primeiro semestre do ano 1969 foram dadas em um prédio da Rua Barão do Rio Branco, no turno da tarde, onde funcionava o curso básico de Geografia e Ciências Sociais. À noite funcionava o curso de Jornalismo. O prédio situava-se entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I, se não me falha a memória. Adorávamos o local porque além do ser estratégico para compras e cinemas, nos possibilitava participar de toda a movimentação estudantil, como passeatas, discursos-relâmpagos, panfletagem e que geralmente aconteciam no centro da Cidade. As passeatas de maior importância tinham início no *campus* do Benfica e muitas seguiam pela Barão, em direção a uma das praças do centro da Cidade, dentre elas praças do Ferreira, José de Alencar, da Lagoinha ou da Estação. Nestes percursos, as palavras de ordem eram gritadas e pichadas: *Abaixo a Ditadura! Estudantes unidos contra a ditadura.*

Todo esse clima era motivado pelo grande número de estudantes dos vários cursos, reunidos e liderados principalmente pelos alunos de Ciências Sociais. Sentíamos-nos envolvidos pelo clima de rebeldia contra o regime. Os convites para reuniões, e passeatas, organizadas com frequência, corria a boca miúda pelos corredores do Curso Básico. Lembro bem da Rosa da Fonseca organizando greves e encontros, no prédio do ciclo básico.

O professor mais lembrado do primeiro semestre foi o André Haguette, de Introdução à Filosofia, que despertou inúmeras "paixonites" entre nós. A maioria das alunas suspirava diante das colocações

filosóficas, do charme e da *finesse* do referido professor, sempre atencioso e educado.

A Pedagogia no campus do BENFICA

O curso de Pedagogia de UFC, criado em 1963, era administrado pelo Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Planejado e implantado pelo Prof. Raimundo Valnir Cavalcante Chagas, membro do Conselho Federal de Educação e assessor do Reitor Martins Filho para assuntos de Legislação, ele resolveu projetar o Curso de Educação em caráter experimental, com um ciclo básico e outro profissional, funcionando com matrículas por disciplina e sistema de créditos, antevendo a reforma universitária que se iniciaria em 1968.

Naquele momento, o Curso de Pedagogia funcionava, como já expressei, com um ciclo básico destinado a ministrar uma formação geral comum aos cursos de Geografia, Pedagogia e Ciências Sociais, durante dois semestres, após os quais a turma se distribuía pelos cursos de Pedagogia e Geografia, ficando para depois o Curso de Ciências Sociais.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, foi criada a Faculdade de Educação constituída por dois Departamentos: Fundamentos da Educação e Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino.

Inicialmente a gestão da Faculdade foi assumida pelos Professores Antônio Gomes Pereira (Diretor) e Antonio Carlos de Almeida Machado (Vice Diretor). Quando o Professor Gomes Pereira assumiu a Pró-Reitoria de Graduação, o Professor Antônio Carlos Machado passou a Diretor da FACED.

Aproximadamente em 1973, numa nova etapa de Reforma Universitária foi implantada a estrutura de centros universitários: Centro de Humanidades, Centro de Ciências, Centro de Ciências Agrárias,

Centro de Tecnologia, Centro de Ciências da Saúde e Centro de Estudos Sociais Aplicados do qual a então Faculdade de Educação passou a ser um Departamento de Educação que ministrava o Curso de Pedagogia.

Em 1983, nova alteração na estrutura da UFC recriou as Faculdades, ficando então, na FACED, os Departamentos de Fundamentos de Educação com 30 professores, o Departamento de Teoria e Prática de Ensino, com aproximadamente, 20 professores e o Departamento de Estudos Especializados, com 15 docentes, ao qual cabia a coordenação do Curso de Mestrado em Educação.

Ocupávamos os dois últimos prédios, atrás das Casas de Cultura no *Campus* do Benfica. Cercado de árvores frutíferas, o local era quase bucólico e muito ventilado. Naquela época, não havia o conforto dos aparelhos de ar condicionado, mas o clima era mais ameno, havia mais árvores, menos asfalto. Quando as árvores se enchiam de frutas - mangas variadas, sapotis e azeitonas roxas - era uma animação. As árvores eram tão numerosas que chamávamos de Bosque o espaço entre os blocos e as Casas de Cultura.

Na parte superior do último Bloco, funcionava a Biblioteca Lireda Facó, à época dirigida pela bibliotecária Fernandina Fernandes, sempre solícita, falando baixinho, nos orientando e nos ensinando como pesquisar, usar e cuidar dos livros. Muito cedo, as alunas do curso de Pedagogia, que frequentavam de forma assídua a biblioteca, aprenderam a localizar os livros por assuntos ou áreas de estudo, nas estantes enfileiradas. Aprendíamos também a utilizar com agilidade os fichários. Não havia internet, nem computador e, antes do trabalho intelectual, vinha o braçal, pois as pesquisas, os estudos, eram feitos utilizando livros e tínhamos que carregá-los para onde fôssemos estudar. Recordo-me do desapontamento da Fernandina sempre que encontrávamos livros com folhas, ou capítulos arrancados e íamos lhe perguntar se havia outro exemplar disponível.

Acredito que “esse crime” decorria ou decorre, da impossibilidade de levar emprestados todos os livros, ou periódicos necessários e, também, aos horários muito limitados para uso das bibliotecas da UFC. Sempre considerei um absurdo os horários de funcionamento das nossas bibliotecas. Fecham cedo e não abrem nos fins de semana. Muitos estudantes não tinham recursos financeiros, local adequado, ou disponibilidade de tempo durante a semana para estudar e elaborar seus trabalhos acadêmicos. Nada justifica o vandalismo, mas a irracionalidade pode criar transgressores.

Havia escassez no número de exemplares utilizados nas disciplinas do Curso e não havia o Google. Quem não podia comprar os livros necessários tinha que se valer dos empréstimos da biblioteca, ou da boa vontade de alguma colega que os tivesse. Tudo era estudado, resumido, copiado, escrito, utilizando-se as antigas máquinas de escrever, ou escrevendo à mão, nos cadernos, ou nas famosas folhas de papel almaço. Computadores com os malfadados Ctrl+c e Ctrl+v ainda não existiam. Acredito que o esforço de ler, resumir, decorar, comparar possibilitasse um aprendizado de melhor qualidade, aperfeiçoando a ortografia e melhorando a forma de escrever mediante o treino manual na elaboração dos trabalhos. Nem assim, porém, os plágios eram evitados. Lembro-me de uma colega que copiou um capítulo inteirinho, tal qual encontrou no livro e recebeu a seguinte nota: “Dez para o autor e zero para a aluna”. O professor era Antonio Gomes Pereira, que substituíra a Dra. Zélia Camurça numa disciplina que cursávamos.

Por falar em Gomes Pereira, foi na sua gestão, como diretor, que a nossa biblioteca se encheu de livros. Como homem de visão, grande idealista e administrador, empenhou-se na aquisição de livros e periódicos, nacionais e internacionais, para melhorar o nosso acervo. Afinal, uma boa biblioteca é de fundamental importância para qualquer instituição de ensino. Como tão bem disse Monteiro Lobato “um país se faz com homens e livros”. Nunca esquecerei os caminhões

sendo descarregados. Pilhas e pilhas sendo colocadas em todos os locais vazios da biblioteca, com dezenas de exemplares dos mais variados assuntos, utilizados nas disciplinas do curso de Pedagogia. Acredito que as listas entregues pelos professores resultaram nessa maciça e maravilhosa aquisição. Foi uma festa!

Não havia no Benfica a movimentação, o "fervilhamento" que sentíamos e vivenciávamos no prédio da Barão do Rio Branco. Na calma do último Bloco da Rua Waldery Uchoa, teve início a parte profissionalizante do nosso curso. A localização esmaeceu a efervescência da luta estudantil. Foi aí que a turma passou a se conhecer melhor e as amizades começaram a se formar. Nossos primeiros professores, durante os semestres que lá passamos foram Maria Lúcia Lopes Dallago, José Anchieta Esmeraldo Barreto, Raimundo Hélio Leite, Leonel Correia Pinto, Padre Jose Maria Frota, Adil Dallago, José Layrton Cavalcante, Zélia Viana de Sá Camurça, Suzana Vasconcelos, Maria Tereza Guimarães, Ernesto Neves, Aloyson Gregório de Toledo Pinto, Terezinha de Jesus Pinheiro Maciel, Francisco José do Amaral Vieira, Padre Luiz Moreira, Antônio Carlos de Almeida Machado, Maria Ivoni Pereira de Sá, Lireda Facó e Glaucenete Barros de Oliveira.

Vivíamos no tempo em que se respeitava e admirava os professores. Havia amizade entre eles e nós, embora cada aluna tivesse predileções. Geralmente, as afinidades estavam de certa forma também ligadas à preferência pela matéria que cada um ensinava. Fizemos um curso de ótima qualidade. As exigências eram grandes e, na graduação, líamos LIVROS. Nada de apostilas de duas folhas. A indústria das cópias ainda era incipiente. As apostilas, provas e textos eram mimeografados. Ainda me recordo do barulho do mimeógrafo, na sala do seu Antonio Batista, nosso "xerocador" oficial daquele tempo. Sentíamos o compromisso de todos os professores com o ensino e o interesse pelo nosso aprendizado... "vestiam a camisa" da UFC. Os docentes com Dedicção Exclusiva (DE) ficavam geralmente nas suas salas, de segunda a sexta, nos dois períodos, estudando, pesquisando, escrevendo, preparando aulas e à disposição dos alunos

para orientações acadêmicas. Sou muito grata a todos os meus professores, pelo incentivo, ajuda, orientação e exemplos que recebi.

Dentre as recordações da época, muitas estão ligadas à professora Zélia Camurça. Acredito que o mesmo aconteça com quase todas as suas alunas em razão da sua postura muito formal. Numa de suas primeiras aulas, vendo-a tão protocolar, senti-me de novo diante da autoridade das freiras do meu antigo colégio católico. Conversava com ela, no final de uma aula, quando uma colega aproximou-se da mesa da referida mestra, escovando os longos cabelos e jogando-os sobre a mesa e em direção a ela. Ainda me recordo do meu espanto. No livro de etiqueta das freiras, esse comportamento era inadmissível. Uma completa falta de modos. Pentear cabelos somente no banheiro. Lembro-me do meu olhar parado, esperando, quem sabe, que uma madre superiora entrasse a qualquer momento, para corrigir tal impertinência. Hoje, com a falta de modos imperando em todo lugar, rio da minha ingenuidade daquele momento e penso na falta que fazem hoje essas escolas que ensinavam boas maneiras.

As provas da professora Zélia, ou Dra. Zélia, como a chamávamos, ensejavam muita ansiedade. Nunca nos sentíamos preparadas o suficiente. Suas provas imensas, que envolviam leituras obrigatórias, nos tornavam ansiosas. Quem da turma não se lembra do "Culturão"? Era o apelido que dávamos ao livro *Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo. Numa dessas provas, no final de semestre, após ter visto a lista imensa de perguntas, uma das nossas colegas começou a cantar "a nós descei Divina Luz". A classe riu muito e pelo menos uma parte da tensão foi aliviada. A mesma professora provocava risos, quando pedia desculpas, solenemente, a cada vez que o giz escorregava da sua mão. Lembro também de uma vez em que, usando o plural majestoso, referia-se ao esposo, utilizando o termo "nosso marido", ao que uma colega revidou "Seu marido professora, nosso não". Todas nós, com certeza, lembramo-nos da sua competência, cultura e do grande conhecimento que demonstrava do conteúdo ensinado.

Leonel Correia Pinto foi nosso professor de Psicologia da Aprendizagem e Psicopatologia. Era um ótimo professor, mas se impacientava com perguntas pouco inteligentes. Temendo ironias, ou alguma resposta brusca, poucas alunas se atreviam a perguntar qualquer coisa. Certa vez, ele dava explicações sobre o comportamento infantil, utilizando um gráfico. Explicava o que havia na coluna vertical e na coluna horizontal. Não sei se por nervosismo, ou confusão, uma colega fez a seguinte pergunta: "Professor, o que é horizontal e vertical?" Ele fulminou a aluna com um olhar, jogou o giz no chão e abandonou a sala.

Outro professor que nos marcou foi o Amaral Vieira. Todas gostávamos de suas aulas, durante as quais bebia muita Coca-Cola, enquanto passeava pela sala e falava. Ele adorava nos chocar com suas declarações bombásticas e nós adorávamos seu estilo, sua irreverência, mas, sobretudo, o seu conhecimento. Era um professor estudioso e atualizado. Um pesquisador. Detestávamos mesmo era o seu laboratório de Psicologia Experimental, onde tínhamos que prender, cortar e operar sapos e ratos com os quais nos obrigava a trabalhar. Até o cheiro do local nos enjoava. Foi, porém, uma experiência muito interessante em razão da novidade experimental e ao aprendido que obtivemos. Lembro-me do espanto de muitas alunas ao ver espalhadas sobre sua mesa, no Laboratório, exemplares da Revista *Playboy*, que se eu não me engano, tinha a venda controlada, ou proibida pelos censores militares. Mostrava-nos as revistas e elogiava os artigos, as entrevistas, nos incentivando a ler também. Provocou olhares de espanto quando ofereceu na sala de aula, para quem quisesse pílulas anticoncepcionais, pois tinha uma gaveta cheia delas. Era tempo de nos liberarmos, dizia. O ti-ti-ti correu solto pelos corredores, ante o espanto causado por tal oferecimento. Afinal, éramos "moças de família", porém acenar com o proibido tornava as aulas desse professor, assim como a sua personalidade, muito interessantes. Amaral era exótico para os padrões da época.

O Professor José Layrton Cavacante era um professor muito estudioso, dono de uma grande cultura, pois lia muito de tudo e cuidava de estar sempre atualizado no que dizia respeito à própria disciplina e aos assuntos gerais, mas vez por outra havia atritos entre ele e os alunos. O problema era o seu temperamento que não se encaixava com o que pregava. Rogers era o seu mentor intelectual e o objeto de estudo de sua dissertação de mestrado, com a Pedagogia não diretiva. Seu temperamento, por outro lado, era diretivo, autoritário e por vezes inflexível. Isso ensejava discussões em sala de aula que terminavam com o professor se impacientando e impondo sua vontade. Aqueles de mais paciência e persistência, e que buscavam se fazer entender, descobriam um professor: amável, bem humorado e com ótimo papo. Fui sua monitora durante dois semestres e aprendi muito com ele. Sou grata pelas orientações, confiança e incentivo. Depois de me tornar professora, nos fizemos bons amigos. Dividíamos uma sala no andar de cima do primeiro Bloco. As conversas, os debates, as risadas atraíam para a nossa sala muitos dos outros colegas do mesmo corredor, que saíam de suas salas e vinham para a nossa, atraídos pelo bom humor e debates de algum assunto em pauta.

Nossos professores estudavam e preparavam bem suas aulas, cada um ao seu modo. Raramente faltavam as aulas ou chegavam atrasados. Havia respeito e amizade. Eram exigentes e demandavam pontualidade na entrega dos trabalhos. Alguns eram mais didáticos, outros mais amigos, alguns extremamente organizados, mas sentíamos em todos o compromisso com a profissão, com os alunos, com a instituição.

O Projeto Rondon e os alunos da Pedagogia

Uma das lembranças da vida universitária está ligada à minha participação no Projeto Rondon. O projeto foi criado em julho de 1967 e extinto em 1989. Seu lema era "integrar para não entregar".

No certificado está escrito que eu e os demais participantes prestamos "relevantes serviços ao desenvolvimento brasileiro e à integração nacional" mediante o trabalho desenvolvido. Era uma atividade extensionista e envolveu milhares de estudantes enquanto existiu. Apesar da ideia ter um grande valor, por ter sido idealizado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (em 1966), isso já seria suficiente para produziu desconfiança do seu real significado. Estávamos todos com as "barbas de molho" e não era para menos. Essas atividades aconteciam durante as férias escolares e, posteriormente evoluíram com a criação do *campus* avançado.

O fato é que, no período das férias, os estudantes integrantes do Projeto se dispersavam, reduzindo desse modo o número de manifestações, mas nem por isso calavam os protestos. Para enfraquecê-los ainda mais, o governo militar criou o Projeto Rondon, que mobilizava estudantes para trabalharem em estados diferentes daqueles onde estudavam. Tudo era pago pelo Governo, por meio das prefeituras onde atuávamos: transporte, alojamento e comida. Era um troca-troca de estudantes de um Estado para outro, com o argumento de ajudarmos o desenvolvimento do Brasil, atuando em áreas necessitadas. Esse não era o caso das cidades do interior do Rio Grande do Sul, onde fiquei de janeiro a fevereiro de 1973. Lembro-me do Prof. Antônio Gomes Pereira, diretor do Curso de Pedagogia, nos incentivando a participar do Projeto. Do Curso de Pedagogia, apenas eu e minha colega de curso e até hoje grande amiga, Luzanira Ramalho Dantas, participamos do Rondon. Fiquei numa cidade chamada Tapes, à beira da Lagoa dos Patos e Luzanira foi para Ivoti, uma cidade de ascendência alemã, a 40 km de Porto Alegre. A ordem dos prefeitos era nos entreter, além do mais, nem passava pela cabeça deles que nós, nordestinos, tivéssemos algo a fazer nas cidades que eles administravam. Vivíamos em churrascos e passeios, o que nos fez apelidar o projeto de Rondontour. Os próprios prefeitos nos diziam: "Vocês vieram aqui passear". E, no final de quase dois meses

de passeios, festas, churrascos e muitas amizades iniciadas, os prefeitos nos entregaram todos os relatórios assinados e em branco. Deveríamos entregá-los à Coordenação do Rondon, preenchendo-os como desejassemos. Minha equipe contava com uma estudante de Pedagogia, no caso, eu mesma e outros quatro estudantes dos cursos de Agronomia, Economia, Biblioteconomia e Medicina. Foi uma experiência e tanto. Devo salientar que outras equipes trabalhavam de verdade, especialmente os sulistas que vinham para o Nordeste, assim como os alunos da UFC que iam para o interior do Ceará. Em 2005, referido Projeto foi reeditado pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva a pedido de acadêmicos e de gestores das Universidades.

Encerrando uma etapa...

Minha turma ainda usufruiu do sistema semestral e anual que regia o ensino universitário da época. Isso nos fez conviver intensamente durante os quatro anos que frequentamos, juntas, as aulas da Pedagogia. Lembro-me com saudade dos trabalhos em equipe, das fofocas nos corredores, da troca de livros e anotações de aula, dos preparativos para a festa de formatura. Os namoros também ocupavam as conversas. A população da Pedagogia era predominantemente feminina. Por essa razão o intercâmbio com os alunos do curso de engenharia que estudavam do outro lado da Avenida da Universidade era intenso. O resultado não podia ser outro. Sem esforço, consigo lembrar-me de quatro colegas que casaram com alunos da Engenharia. Era a integração universitária; sem falar das festas para angariar dinheiro para viagens ou formaturas. Os nomes eram bem criativos. Um deles, com duplo sentido, nos convidava para a festa do "Curativo na Mandioca". Era promovida pela Enfermagem e Agronomia. Ainda ouço nossas risadas lendo esses convites. Tudo era festa e juventude numa cidade que ainda desconhecia a violência urbana.

Finalmente, chegou o dia da formatura. Não quisemos a placa nas paredes do prédio porque achávamos "brega". A solenidade de formatura foi no Ginásio Paulo Sarasate. Orgulhosas, desfilávamos de braços dados com pais ou namorados. Os abraços de despedida, após a cerimônia de colação de grau, encerravam mil promessas de encontros futuros. Ali concluíamos uma etapa importante das nossas vidas.

Impossível é recordar meu Curso de Pedagogia e não citar minhas companheiras de percurso. Como em todas as turmas havia as estudiosas, as inteligentes, as palhaças, as líderes, as queridinhas dos professores, mas todas vivenciaram a amizade que o convívio estudantil estimulava nos quatro anos que compartilhamos nas salas e pátios da FACED. Com os nomes de solteiras e em ordem alfabética foram elas: Aldira L. Araújo, Carmina A. Loiola, Edméia T. Mourão (*in memoriam*), Graça Cardoso Ferreira, Herbênia C. Rufino, Hildizete S. Mendonça, Iacy Silva, Isa Hamílria M. Barreira, Jucineide Ribeiro, Luzanira Ramalho Dantas, Márcia Gomes, Margarida Alves Dias, Maria do Carmo I. Nunes, Marineide C. Braga, Marísia Q. M. Torquilha, Meire Celi A. Freitas, Melba Ribeiro, Noélia Bentemuller, Oflíia Leal Luna Carvalho, Raimunda Madalena Teles, Raimunda Moreira Pinto, Rita Lady Farias, Rosa Carmem V. Teixeira, Rosely Barreto Ivo, Sílvia Leal Luna, Socorro Belo Rodrigues, Susana Morais Nogueira, Teresa Maria R. do Amaral Monteiro, Teresa Odete C. Coelho e Yvaldy N. Couto Melo.

Não sei por onde andam muitas delas, mas me lembro de todas. Algumas continuam participando da minha vida, outras simplesmente se afastaram, ou moram em outros Estados. Algumas eu encontro ocasionalmente. A maioria trabalhou ou ainda trabalha na área de Educação. Outras seguiram carreiras diferentes. Uma delas já não está entre nós. Um grupo sempre participa dos nossos encontros anuais.

Uma jovem professora

No final de 1973, a UFC abriu concurso para contratar professores. Disputei uma vaga para a área de Psicologia da Educação. Resolvi enfrentar o desafio ajudada pelo incentivo de dois professores: Terezinha de Jesus Pinheiro Maciel e Leonel Correia Pinto. A primeira me ajudou muito no estudo e preparo da aula prática e Leonel me deu dicas importantes para a hora da apresentação. Fui aprovada e teve início a minha carreira docente.

Psicologia da Aprendizagem foi a disciplina com a qual estreei minha vida como professora universitária. Corria o ano de 1974 e o governo militar já nos deixava respirar um pouco melhor.

Ao entrar na UFC como docente, um Pró-reitor numa das reuniões de boas-vindas me alertou: "Quero lhe dizer, que pense em tudo que vai falar em sala de aula. Há "olheiros" em todas elas". Estávamos em 1974, mas ainda precisávamos "*estar atentos e fortes*" como bem destacavam os interpretes- Gal Costa e Caetano Velloso- *não temos tempo de temer a morte*, dos versos de "*Divino Maravilhoso*". Quem viveu aqueles tempos entendia muito bem a mensagem.

Os alunos da minha primeira turma eram estudiosos, questionadores e o preparo das aulas consumia todo o meu tempo. Como eu estudava! A convivência e a parceria entre os professores fizeram com que eu e o professor Hélio Leite planejássemos em conjunto, o Trabalho Individual (TI) que equivalia a uma das quatro avaliações obrigatórias, para cada aluno, de cada disciplina naquele tempo. A parceria das duas disciplinas - Psicologia da Adolescência e Estatística da Educação foi um sucesso. Aplicamos um teste em adolescentes de dois colégios da Cidade, de classes sociais diferentes. O trabalho foi avaliado de três formas. A análise estatística foi corrigida pelo Hélio. Eu e ele avaliamos a apresentação oral dos resultados pelas equipes. Os trabalhos escritos individualmente, com a discussão dos resultados, analisados à luz da Psicologia da Adolescência,

foram corrigidos por mim. Os alunos adoraram. Hélio e eu ficamos orgulhosos do excelente nível dos trabalhos.

Dois anos após ter sido contratada pela UFC, viajei para fazer mestrado nos Estados Unidos da América. A papelada exigida para estudar no Exterior era desanimadora. Muita exigência, muito detalhe, comprovantes de proficiência na língua estrangeira, documentação, traduções, passaporte, aceitação da universidade estrangeira, aceitação da CAPES, sem falar na organização do que deixar para trás, preparação da bagagem e um medo enorme do desconhecido. Foi difícil. Agradeço até hoje a ajuda do professor Antônio Gomes Pereira junto à CAPES e da preciosa intervenção da Terezinha Maciel junto à *Michigan State*, em razão das exigências demandadas por aquela universidade dos EUA. Nessa época, viajávamos apoiados pelos Acordos MEC-USAID². Ministério da Educação - MEC / *United States Agency for International Development* - USAID e CAPES. Esses acordos, que influenciaram muito a Reforma Universitária foram encerrados em 1976. Era o final dos Acordos MEC-USAID e da Lei nº 4464 (Lei Suplicy de Lacerda) que punha fim à autonomia das Universidades. Os acordos tinham o objetivo de transformar as universidades federais em meras fundações particulares. Acabou também com os diretórios centrais de estudantes - DCE e a própria UNE, substituindo-os pelo Diretório Nacional de Estudantes (DNE). Os acordos colocaram na mão dos estadunidenses, equipes formadas por brasileiros e gringos, as normas, a escolha das áreas de formação e muito poder. Os brasileiros que integravam essas equipes pouco a pouco iam abandonando o grupo. Dois, dos cinco americanos que

² No caso do Acôrdio MEC- USAID, se há dado de realidade inquestionável, é seu esoterismo. Celebrado em 23 de junho de 1965, as primeiras informações oficiais só vieram a furo em novembro de 1966, assim mesmo de forma fragmentária e imprecisa. Tudo muito de acordo com o cacoete norte-americano de "ultraconfidencial" (...)
Afinal, que há de tão grave nestes trabalhos que não pode chegar, amplamente, ao conhecimento do povo brasileiro? (...) Getúlio Vargas mandou inscrever no "hall" do Palácio da Educação: **EDUCAÇÃO É MATÉRIA DE INTERESSE NACIONAL...**"Fonte: LIMA, Lauro de Oliveira. In: Alves, M.M. Beabá dos MEC-USAID. Rio de Janeiro, Ed. Gernara, 1968. Prefácio.

formavam a equipe estrangeira³, eram membros da Michigan State University para onde fui e onde me informaram que havia mais de cem brasileiros estudando por lá, oriundos das universidades federais brasileiras e selecionados pela CAPES. Pois bem, nessa época, uma comissão da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) viajava para as universidades onde havia candidatos querendo estudar no Exterior. Como era concedida uma bolsa de estudo para os candidatos, cabia a essa comissão entrevistá-los. Uma dessas comissões chegou na FACED, em julho de 1975. Quem chefiava o grupo era Eva van Dierman, uma alemã, que se naturalizou argentina e morava no Brasil, segundo as informações dos corredores e nada oficial. Anchieta, analisando as nações envolvidas na vida dessa senhora, comentou: "Não é uma mulher é a própria ONU". A chegada da delegação causou alvoroço. Afinal, era julho- férias, professores ausentes. O diretor era o Padre Frota, também desaparecido. Darcy Maia era a secretária do Curso. Não sabia mais o que fazer. Os professores que contatava diziam não poder representar a instituição porque Padre Frota não havia nomeado ninguém oficialmente. Na ocasião, chamaram o professor Antonio Gomes Pereira, que era Pró-Reitor da Graduação para ajudar na solução do problema. Muito diplomático, Gomes instalou o grupo, numa das salas da Pró-Reitoria, e lá as entrevistas foram feitas e as dificuldades contornadas. Em agosto, na primeira reunião do "Departamentão", Pe. Frota tentava justificar o seu "desaparecimento" quando por fim exclamou: "Jamais poderia esperar que Eva chegasse aqui em julho, uma vez que o combinado era setembro". Ao que Anchieta retrucou: "As Evas sempre traiçoeiras". A gargalhada foi geral.

³ John D. Ryder, diretor da Escola de Engenharia e professor catedrático de Engenharia Eletrônica, da Michigan State University e John M. Hunter, professor catedrático de Economia da Michigan State University.

Retomando a carreira docente

Quando retomei minha vida como docente na UFC, em 1984, muitas coisas haviam mudado, tanto na área política, quanto na vida pessoal. Nos anos 1980, a política caminhava para uma abertura política "lenta e gradual" e o Curso de Pedagogia encarava transformações. A reforma substituiu as Habilitações - Orientação Educacional, Administração Escolar e Supervisão Escolar- por áreas de aprofundamento em Educação Infantil, Educação Especial, Educação Popular e da Arte-Educação. Com a criação da área de estudos em Educação Especial passei a lecionar em lugar das Psicologia da Educação, algumas das disciplinas que compunham a área: Introdução à Educação Especial, Distúrbios da Linguagem e da Fala, Psicomotricidade, Psicopedagogia e Supervisão do Estágio em Educação Especial.

A reforma do currículo e a chegada da Maristela Lage Alencar, em 1987, foram fundamentais para que a área de Educação Especial tomasse impulso, na FACED/UFC, pois "uma andorinha só não faz verão", sem falar na grande experiência da referida professora, que dirigia anteriormente, o setor de Educação Especial na Secretaria de Educação do Estado -SEDUC. Em 1988, fundamos o Núcleo de Educação Especial -NEESP. Outras professoras se agregaram ao ensino das disciplinas da área como Neide Fernandes Monteiro e Ana Elizabeth Bastos Miranda (durante algum tempo). Com a fundação do Núcleo, que tinha caráter interdepartamental, trabalharam conosco em parceria constante duas professoras do Curso de Psicologia - Regina Cardoso Esteves e Ana Maria Vieira Lage. E, ocasionalmente alguns professores da UFC dos Cursos de Enfermagem, Medicina e Direito. O NEESP foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão em 1988. O trabalho com Educação Especial foi recompensador, pessoal e profissionalmente. Desde o início houve muita empatia entre a professora Maristela e eu, ajudada pelo compromisso e amor que tínhamos

pelo ensino. Havia amizade, colaboração, apoio e solidariedade entre nós. Essas características foram disseminadas entre os professores que trabalharam conosco no Núcleo, entre as bolsistas de Iniciação Científica, monitoras e alunas do PET – cuja linha de trabalho e estudo era na área de Educação Especial – EE. Até hoje nos encontramos anualmente e, por telefone, continuamos a nos comunicar, prestar ajuda sempre que necessidade e manter uma amizade fortalecida na ética e no bom trabalho em grupo.

Esse Núcleo que eu coordenei na década de 80 e 90 teve trabalhos de destaque tanto na Cidade, Fortaleza, quanto nos encontros nacionais e internacionais dos quais participou representando a FACED/UFC. Trabalhamos com as instituições cujo público-alvo eram crianças e adolescentes com deficiência intelectual, surdos, cegos no Município de Fortaleza. Representamos a UFC junto ao MEC para assuntos de Educação Especial. Coordenei como representante MEC/UFC/FACED/NEESP a Educação Especial do Nordeste e do Ceará durante quatro anos, trabalhando em congressos e encontros, em diversos Estados do Brasil, para lidar com o processo de inclusão nas escolas brasileiras. Apresentamos na época um número tão significativo de trabalhos, que em um deles, só perdemos para a USP, considerada a campeã na produção científica. Ela apresentou 21 contra os 19 da UFC/NEESP. Participamos de todos os Encontros de Iniciação Científica da UFC. Coordenamos e ministramos inúmeros cursos, nos mais variados níveis – extensão, graduação e especialização – e preparamos bolsistas e alunas do Programa Especial de Treinamento-PET, cujos estudos se concentravam na área de Educação Especial. Hoje, a maioria delas pertence ao corpo docente dos mais diversos institutos de ensino superior - IES no Ceará e no Nordeste. Na sua maioria, são universidades federais. De 1988 a 2001, o NEESP funcionou “a todo vapor”, comprometido, como era, com a EE, agregando, treinando, cooperando e interagindo com alunos e profissionais locais e nacionais que trabalhavam na área, além de estudantes e

profissionais das áreas afins, tão importantes na formação das equipes multidisciplinares que trabalham com pessoas necessitadas de ensino e cuidados especiais. Entre os trabalhos inéditos desenvolvidos pelo NEESP/FACED, temos a alfabetização e reforço escolar de crianças e adolescentes submetidos à hemodiálise, no Centro de Nefrologia de Fortaleza, nas três tardes em que se submetiam a hemodiálise. O resultado foi tão positivo que o médico encarregado do setor nos veio perguntar se não queríamos planejar também uma atividade com os pacientes adultos. Posteriormente, a UNIFOR desenvolveu trabalho semelhante.

Alguns agradecimentos

Agradeço, verdadeiramente, às minhas colegas de turma, Hildizete Mendonça, Luzanira Ramalho e Rosa Carmen Teixeira; às minhas colegas professoras Maria de Lourdes Peixoto Brandão, Maria de Fátima Azevedo Ferreira Lima e Ivoni Pereira de Sá e à minha ex-aluna e amiga Andreia Serra Azul da Fonseca. Elas foram pacientes, generosas, disponíveis e interessadas. Forneceram-me dados importantes e refrescaram minha memória em alguns contextos. Utilizei suas lembranças e seus conhecimentos para fechar alguns relatos e fundamentar outros. A todas, o meu mais sincero agradecimento.